

“NÓS, MULHERES DA PERIFERIA”: A construção de narrativas interseccionais no jornalismo alternativo feminista¹

Iasmin Teixeira de Sousa Cardoso²

Yasmim Queiroz Alves³

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as facetas interseccionais e subjetivas presentes no jornalismo desenvolvido pelo veículo de mídia digital, “*Nós mulheres da periferia*”. Esta análise possui abordagem metodológica de cunho qualitativo, tratando-se de um estudo de caso da matéria “Feminismos favelados: a resistência nasce nas favelas” (2025), da jornalista Amanda Stábile, produzida e divulgada pelo portal “Nós, Mulheres da Periferia”. Para tanto, partimos de uma revisão bibliográfica, tendo como principais autoras e autores: Collins e Bilge (2021); Moraes (2015; 2020); e Woitowicz (2019; 2024).

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade; Jornalismo Alternativo; *Nós, Mulheres da Periferia*; Jornalismo de Subjetividade; Feminismo

INTRODUÇÃO

O coletivo independente de São Paulo, “*Nós, Mulheres da Periferia*”, foi criado em 2014 por uma equipe de mulheres negras e jornalistas, trazendo consigo a interseccionalidade como uma das ferramentas para a construção das narrativas expostas no *site*, a qual nos parece ser fundamental para abrigar o movimento de inclusão da diversidade. A partir da observação de conceitos sobre mídia alternativa feminista, assim como da ideia de subjetividade jornalística, elaborada por Moraes (2015), discutimos a importância do jornalismo não hegemônico na abordagem de

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Narrativas contra hegemônicas associadas às materialidades digitais), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

²Estudante do 4º período do curso de Jornalismo da UERN – iasmin20230049959@alu.uern.br

³Estudante do 6º período do curso de Jornalismo da UERN – yasmimqueiroz@alu.uern.br

⁴Orientadora do artigo. Professora e Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com

causas feministas e raciais, destacando a visibilidade que o enfoque interseccional, do grupo midiático aqui em questão, traz para as histórias de sujeitos periféricos, especialmente mulheres de comunidades.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), expostos no censo demográfico realizado em 2020, o Brasil possui cerca de 12 mil favelas e comunidades urbanas, onde vivem cerca de 16 milhões de habitantes, destes 51,7% são mulheres, as quais estão expostas à múltiplas camadas de opressão e vulnerabilidade, realidade que faz parte de suas rotinas. A grande São Paulo, onde nasceu o coletivo “*Nós, Mulheres da Periferia*”, tem a terceira maior favela em número de habitantes do país, Paraisópolis, esta possui cerca de 58 mil pessoas vivendo em seu território.

Dito isto, o presente trabalho trata-se de um estudo de caso (Yin, 2005) da matéria “*Feminismos favelados: a resistência nasce nas favelas*” (2025), produzida e compartilhada pelo portal de notícias “*Nós, Mulheres da Periferia*”, a partir da qual pretendemos problematizar como a interseccionalidade, enquanto ferramenta conceitual-prática, contribui para a construção de uma mídia contra hegemônica, bem como para a problematização de questões sociais. A pesquisa possui, assim, cunho qualitativo, fazendo uso de revisão bibliográfica com ênfase em buscar analisar como a atuação do portal contribui para o fortalecimento de pautas que envolvam gênero, classe e raça, como também desconstrói narrativas da imprensa tradicional que colaboram para a manutenção de preconceitos enraizados na sociedade brasileira.

MÍDIA ALTERNATIVA: NÓS, MULHERES DA PERIFERIA

A mídia alternativa configura-se como uma forma de subversão ao jornalismo hegemônico, entendido como aquele praticado por grandes veículos de comunicação, geralmente alinhados a interesses políticos e econômicos dominantes. No artigo “*A agenda feminista em foco no jornalismo alternativo*” (Woitowicz, 2024), pesquisadores expõem os princípios do conceito de mídia alternativa, que tem origem na ideia de contra hegemonia do jornalismo ativista, conforme estudado por Gringerb (1987). Um dos pesquisadores que contribui nessa discussão é Serrano (2011, p. 4), ao definir a mídia alternativa como uma prática contra hegemônica, conduzida por meios independentes dos poderes econômicos e políticos, ancorado em um ideário próprio.

Trata-se, portanto, de uma atividade profissional de caráter informativo e, por vezes, ativista, que atua de forma autônoma em relação aos padrões da imprensa, aproximando-se do público e promovendo a pluralidade nas suas narrativas. Na mesma sintonia, o estudioso Downing (2002, p. 4) desenvolve o conceito de “mídia alternativa radical”, essa definição é utilizada quando apresentamos veículos de comunicação independentes, como o portal “*Nós, Mulheres da Periferia*”, que mantém vínculos com movimentos sociais e políticos ativistas que são contrários aos poderes dominantes.

De acordo com Woitowicz (2019, p. 4), esses meios ativistas surgiram na América Latina na década de 1990, época em que o Brasil registra as primeiras redes de mulheres comunicadoras e jornalistas, o que reforçou o surgimento massivo de redes com enfoque de gênero por profissionais da comunicação, que através desses meios criticam a objetificação do corpo feminino em discursos midiáticos no século XXI.

O coletivo, “*Nós, mulheres da periferia*”, traz essa sensibilidade social e reconhecimento da diferença há mais de uma década. Ao ter uma abordagem interseccional, cabe observar o uso da forma analítica do veículo com o objetivo de informar e contar histórias sobre diversas mulheres que vivem ou vivenciaram suas histórias em bairros periféricos de grandes metrópoles, em especial na grande São Paulo.

Collins e Bilge (2021, p. 12) apresentam a interseccionalidade como ferramenta de poder que influencia nos aspectos de convívio social. Além disso, destacam seu caráter analítico e seu potencial para democratizar o debate público e transversalizar as discussões, rompendo estruturas sociais que ainda se encontram sob uma visão supremacista branca, escravocrata e misógina. Essa perspectiva busca entender as camadas nas quais a sociedade está envolvida (Collins; Bilge, 2021, p. 13). O site, “*Nós, mulheres da periferia*”, nos parece se alinhar a um fazer jornalístico interseccional, pois se propõe a abordar problemas sociais e políticos relacionados ao feminismo e às questões raciais, observando as camadas sociais e expondo as fragilidades dos grupos marginalizados por meio de uma ótica humanizada, que visibiliza e denuncia situações de vulnerabilidade, racismo, violências domésticas, entre outras problemáticas sociais.

O *Nós, mulheres da periferia* é um site jornalístico dedicado a repercutir a opinião e a história de mulheres negras e periféricas. Nosso compromisso é

oferecer um outro jeito de ver os acontecimentos no Brasil e no mundo e contribuir para a construção de uma sociedade plural, antirracista e não patriarcal (*Nós, mulheres da periferia*, 2014, s.p).

Ao lermos a linha editorial do veículo, verificamos a utilização da visão periférica e da subjetividade jornalística⁵, muito embora a imprensa tenha herdado uma ideia de “objetividade” e “neutralidade” científicas - uma racionalidade atravessada por hierarquias estabelecidas por cor e pelo gênero (Moraes, 2020, p. 68). Questão que o “*Nós, Mulheres da Periferia*” parece romper em suas produções jornalísticas, pois este é um veículo que conscientiza a população sobre problemas que são enfrentados na atualidade, que narra questões de desigualdade de cor, gênero, classe e território. Apresentando-se como uma mídia contra hegemônica.

ANÁLISE DA MATÉRIA “FEMINISMOS FAVELADOS: A RESISTÊNCIA NASCE NAS FAVELAS”

Collins e Bilge (2012) abordam em seu livro, *Interseccionalidade*, que esta pode ser compreendida como um conceito analítico quando se trata de justiça social. Ela exige mais do que crítica e implica transformar análises críticas em práxis críticas. Além disso, à medida que a interseccionalidade desenvolve uma consciência mais profunda sobre o modo como a justiça social pode influenciar a própria investigação e práxis crítica, ela torna-se mais bem posicionada para investigar suas conexões com projetos que apresentam preocupações semelhantes com respeito à justiça (Collins; Bilge; 2021). Ao apresentar pautas relacionadas à mulheres negras periféricas, problematizando-as, é possível averiguar a essência da mídia contra hegemônica e a representação interseccional dentro do coletivo, “*Nós, mulheres da periferia*”.

Sob a perspectiva de Moraes (2022), a interseccionalidade é um elemento essencial para a prática jornalística, sobretudo aquela que busca reelaborar as maneiras de ver e dizer numa reportagem. O recorte de gênero, classe e raça, abordado durante a matéria aqui em questão, exhibe as camadas interseccionais diante de diferentes formas de discriminação e subordinação que vulnerabilizavam pessoas de maneiras distintas.

⁵ “Para Fabiana, Jornalismo de Subjetividade é uma maneira de pensar tudo aquilo que funda, que estrutura e que norteia as práticas daqueles que narram o mundo. Isso, inevitavelmente, esbarra e dialoga com discussões sobre interseccionalidades de classe, raça e gênero, assim como de representações e de subjetividades.” – Entrevista de Anna Ortega com Fabiana Moraes em 2020.

Debater sobre as questões enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil é fundamental para compreendermos as complexas dinâmicas sociais e históricas que moldam nossa sociedade e a vida destas sujeitas (Queiroz; Oliveira, 2025, p. 8), é evidenciado o protagonismo de mulheres periféricas, as quais têm suas histórias secundarizadas, devido à opressão patriarcal e racista.

Na matéria publicada em 22 de janeiro de 2025, pela jornalista Amanda Stábile, intitulada *“Feminismos favelados: a resistência nasce nas favelas”*, a comunicadora traz uma construção de narrativa com um viés feminista, que leva em consideração os aspectos interseccionais que atravessam e constituem os sujeitos ali expostos. Ao escolher a artista, ativista e autora, Andreza Jorge, como personagem principal da sua reportagem, a jornalista levanta uma pauta bastante relevante para as mulheres que vivem na periferia, que é a luta por direitos e pela posse de sua própria identidade, questão discutida na obra da entrevista, que foi publicada este ano, intitulada *“Feminismos Favelados”* (2025). A obra busca ressignificar os estigmas impostos ao termo “favelado” e o transformar em um símbolo de resistência. Na matéria publicada no portal *“Nós, Mulheres da Periferia”*, a repórter apresenta a trajetória de Andreza como mulher afro-indígena, mãe e moradora da periferia há mais de 30 anos, destacando suas origens periféricas e seu encontro com o feminismo, no qual sempre esteve à frente de discussões sobre gêneros, desde os seus 16 anos, porém questionava a falta de representatividade de vivências como as dela no movimento feminista.

Dessa forma, procurando lidar com a pluralidade, começou a estudar conceitos como o de interseccionalidade, discutido, entre outras autoras, por Collins e Bilge (2021), sobretudo por perceber como as vivências de gênero, raça e classe se cruzam e se manifestam de maneiras distintas, o que permite analisar as desigualdades a partir das superposições de discriminação às quais diversas pessoas estão submetidas, além de enxergar os problemas sociais derivados do colonialismo, do racismo, do sexismo e do nacionalismo (Moraes, 2022, p.163)

Figura 1 - Matéria Feminismos favelados: a resistência nasce nas favelas.



Fonte: Site “Nós, Mulheres da Periferia” (2025).

Ao afirmar que “Durante muito tempo, achei que ser favelada era algo ruim, hoje vejo como uma potência” (Nós, Mulheres da Periferia, 2025), a entrevistada ressignifica o termo “favelado”, tomando-o como potência e referência de resistência e luta coletiva por direitos. O próprio espaço jornalístico, ao dar voz e visibilidade para narrativas como as de Andreza, contribui para a problematização de temáticas em torno de opressões de raça, gênero e classe, colocando estas em destaque e cooperando para a construção de um jornalismo contra hegemônico.

CONCLUSÃO

A construção de mídias alternativas e independentes, como o site “Nós, Mulheres da Periferia”, é essencial para a ruptura da lógica hegemônica jornalística, que frequentemente sensacionaliza e marginaliza narrativas de mulheres negras e periféricas. Espaços como esse possibilitam não apenas o reconhecimento e representação feminina, mas também que suas potências e resistências ecoem e permaneçam presentes diante da sociedade e mídia brasileira.

A partir de estudos sobre mídia alternativa, interseccionalidade e subjetividade jornalística, compreende-se que o coletivo, diante desses conceitos trabalhados durante o resumo, busca evidenciar as rotinas de mulheres das favelas e criticar a ausência de vozes negras e periféricas no jornalismo como um todo. Dessa forma, ao se apropriar da comunicação como uma ferramenta de transformação, as mulheres por trás do coletivo conseguem desconstruir um padrão de “objetividade” e “neutralidade” eurocentrado, sendo possível relatar as desigualdades sociais cotidianas e reafirmar o espaço periférico como um centro de conhecimento, vivência e resistência.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patrícia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

EDITORIA, Estatísticas Sociais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em Favelas e Comunidades Urbanas**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>. 2024. Acesso em: 20 abr. 2025.

JORGE, Andreza. **Feminismos favelados: uma experiência no Complexo da Maré**. Colaboração de Eliana Sousa Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. 248 p. ISBN 978-65-8451-541-3.

MELO, Katia Aline. **Nós, Mulheres da Periferia e a cobertura em São Paulo**; Disponível em: <https://agenciamural.org.br/nos-mulheres-da-periferia/>. 2018. Acesso em: 20 abr. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Arquipélago Editorial, 1ª ed. 2022.

MORAES, Fabiana; **A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro**; MAIA Marta; PASSO, Yuri, (org.); Narrativas midiáticas contemporâneas epistemologias dissidentes; Santa Cruz do Sul: Ed. Catarse, cap. 2, p. 65-80. 2020.

ORTEGA, Anna. **Por um jornalismo que fissura**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/por-um%20jornalismo-que-fissura/>. 2020. Acesso em: 20 abr. 2025.

QUEIROZ, Yasmim Alves; OLIVEIRA, Pâmella Rochelle Rochanne Dias. A interseccionalidade na cobertura jornalística sobre o fim da escala 6x1: um estudo de caso do “Nós, Mulheres da Periferia”. **Revista MONXORÓS**. Ano2, Nº03, V.01, 2025. ISSN:2966-0017.

STÁBILE, Amanda. **Feminismos favelados: a resistência nasce nas favelas**. Disponível em: [https://nosmulheresdaperiferia.com.br/feminismos-favelados-a-resistencia-nasce-na%20favela/#:~:text=29%7C01%7C2025,Andreza%20Jorge%2C%20artista%2C%20ativista%20e%20autora%20do%20livro%20Feminismos%20Favelados,Rio%20de%20Janeiro%20\(RJ\)](https://nosmulheresdaperiferia.com.br/feminismos-favelados-a-resistencia-nasce-na%20favela/#:~:text=29%7C01%7C2025,Andreza%20Jorge%2C%20artista%2C%20ativista%20e%20autora%20do%20livro%20Feminismos%20Favelados,Rio%20de%20Janeiro%20(RJ).). 2025. Acesso em: 20 abr. 2025.

WOITOWICZ, Janz Karina. **A agenda feminista com foco no jornalismo alternativo: práticas de ativismo nosso jornalista portais com perspectiva de gênero** azmina, catarinas e Think Olga; Disponível em: <https://revistas.uosario.edu.co/index.php/disertaciones/article/view/13989/12796>. 2024. Acesso em: 20 abr. 2025.

WOITOWICZ, Janz Karina. **Direito à comunicação e ativismo feminista: a construção de redes de mulheres na América Latina e o processo de apropriação tecnológica**. Alceu, 19(39), 62-74. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/35>. 2019. Acesso em: 20 abr. 2025.

YIN, Robert K. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.